

## A leitura segundo Wolfgang Iser

*The reading through the Iser's point of view*

por [Clarice Fortkamp Caldin](#)

-

-

**Resumo:** Apresenta o pensamento iseriano acerca da leitura. Mostra a vinculação de Iser com a corrente da estética da recepção e com a fenomenologia husserliana. Como um dos expoentes da estética da recepção, Iser prioriza os aspectos estéticos do texto literário e se preocupa com o efeito da obra ficcional sobre o leitor. O artigo expõe a teoria dos espaços vazios recriada por Iser a partir de Ingarden. Esclarece que, enquanto que para Ingarden o leitor apenas complementa o texto, para Iser o leitor interage com o texto, preenchendo os lugares vazios com suas protensões e retenções. Menciona que, sob a influência da fenomenologia de Husserl, Iser desenvolve sua fenomenologia da leitura, em que defende: a interação entre texto e leitor; o ponto de vista do leitor em movimento; os correlatos de consciência produzidos pelo ponto de vista em movimento; as sínteses passivas da leitura. Aponta diferenças e semelhanças entre Iser, Sartre e Merleau-Ponty quanto ao ato de ler. Mostra que, muito embora Iser tenha discordado das teorias psicanalíticas do efeito literário de Holland e Lesser, reconheceu que a leitura de textos literários tem potencial terapêutico, pois exercita a atividade criadora do leitor.

**Palavras-chave:** Leitor. Texto literário; Estética da recepção; Fenomenologia da leitura; Teoria dos espaços vazios de Iser; Leitura como terapia.

**Abstract:** It shows the iserian point of view about reading. It also shows the Iser binding with the current aesthetics of reception and with the husserlian phenomenology. As one of the exponents of the aesthetics of reception, Iser prioritizes the aesthetic aspects of literary text and worries about the effect of the fictional work about the reader. The article expounds the theory of voids recreated by Iser from Ingarden. It clarifies that, while for Ingarden only complements the text reader, for Iser the player interacts with the text, filling the empty seats with their stretching and retentions. It mentions that, under the influence of the phenomenology of Husserl, Iser develops its phenomenology of reading, in which advocates: the interaction between text and reader; the point of view of the reader on the move; the related consciousness produced by moving point of view; passive synthesis of reading. Points out the differences and similarities between Iser, Sartre and Merleau-Ponty on the Act of reading. Shows that, although Iser has disagreed psychoanalytic readings of literary theories of Holland and Lesser effect, acknowledged that the reading of literary texts have therapeutic potential, because it exercises the creative activity of the reader.

**Keywords:** Reader. Literary text; Aesthetics of reception; Phenomenology of reading; Empty spaces theory of Iser; Reading as therapy.

### Introdução

A corrente da estética da recepção, na década de 1960, ao privilegiar a relação autor-obra-público, incorpora ainda a relação leitor-sociedade. Tal corrente, também chamada de Escola de Constança, valoriza o leitor e insere o conceito de interpretação da obra literária, ou seja, permite que o receptor adentre na obra, realize inferências. Um de seus expoentes, [Wolfgang Iser](#), trata em particular das estratégias adotadas pelos textos e dos repertórios de temas e alusões familiares. Em outras palavras: Iser preocupa-se com o efeito que a obra exerce sobre o leitor.

Explicitando: os espaços vazios do texto literário e o horizonte de expectativas do leitor, apreçados por Iser, permitem averiguar como o receptor (*leitor*) do texto reelabora sua leitura a partir e inferências da realidade. Dessa forma, ler se configura como um processo dinâmico, o leitor indo além do texto, ao identificar o que está ausente ou obscuro. Se Proust priorizava a leitura solitária, Sartre, o leitor, Merleau-Ponty, a experiência da leitura, Iser prioriza a interação do texto literário com o leitor. Na verdade, sua preocupação maior é com as atividades imaginativas e perceptivas do leitor frente ao texto literário, e, nesse sentido, é pertinente verificar sua análise a respeito da leitura.

### A leitura segundo Wolfgang Iser

A teoria da recepção de Iser baseia-se, acredita [Eagleton](#) (1997, p. 109) “em uma ideologia

*liberal humanista: na convicção de que na leitura devemos ser flexíveis e ter a mente aberta”*. Cabe lembrar que Iser se concentra na obra realista, defende a dimensão social da leitura, mas concentra-se, acima de tudo, nos aspectos estéticos do texto literário. Sob a influência da fenomenologia husserliana, [Iser](#) (1996-1999) apresenta sua fenomenologia da leitura, em que defende: a interação entre texto e leitor (*as estratégias textuais esboçam o potencial do texto cabendo ao leitor, estimulado pelo texto, atualizá-lo pelos atos de sua consciência imaginante*); o ponto de vista em movimento (*o leitor apreende o texto em fases consecutivas da leitura na medida em que se movimenta dentro dele*); os correlatos de consciência produzidos pelo ponto de vista em movimento (*o texto, enquanto evento, permite que o leitor, por meio de suas memórias e expectativas, agrupe os signos textuais, identifique suas relações e as apresente como em uma Gestalt*); as sínteses passivas da leitura (*as retenções e protensões do leitor são projetadas no texto durante o processo da leitura e suas representações produzem um novo sentido, posto que estruturado pelo texto*).

[Iser](#) (1996, v. 1, p. 11, 12) considera o texto literário fruto da seleção que um autor realiza ao que sucede no mundo; tal seleção se apresenta como um rompimento do real, na medida em que permite vários sentidos e interpretações e, também, como um excesso do real, na medida em que forma sua própria realidade quando os elementos selecionados são combinados entre si; assim, o texto é um acontecimento, pois *“na seleção a referência da realidade se rompe e, na combinação, os limites semânticos do léxico são ultrapassados.”* Dito de outra maneira: o texto literário não é completo em si mesmo – além do registro da reação do autor ao mundo, necessita, ainda, da experiência do leitor, que, ao interpretá-lo, infere novos sentidos ao lido. Assim, o texto literário teria uma dupla função: comunicar o que o autor disse e estimular as competências do leitor.

Ao analisar o texto iseriano, [Lima](#) (1979, p. 23) afirma que: *“Iser parte da consideração sobre o papel desempenhado pela contingência nas interações humanas. Na interação a dois, a cada parceiro é impossível saber como está sendo exatamente recebido pelo outro. [...] Deste lastro negativo, resultará contudo uma exigência de ordem positiva: o hiato em que sempre corre cada ato de interação, a transparência mútua impossível nos obriga à prática cotidiana da interpretação. A interpretação, portanto, cobre os vazios contidos no espaço que se forma entre a afirmação de um e a réplica do outro, entre pergunta e resposta.”*

Assim, os textos literários são elaborados pelo escritor com vazios que permitem a intromissão do leitor. Tal se dá quando esse último preenche esses vazios com suas projeções. Entretanto, lembra [Lima](#) (1979, p. 23) *“a comunicação entre o texto e o leitor fracassará quando tais projeções se impuserem independentes do texto”,* ou seja, *“fomentadas que serão pela própria fantasia ou pelas expectativas estereotipadas do leitor.”* Em outras palavras: o texto ficcional, mesmo consentindo a inserção das projeções do leitor, regula essas projeções. Quer dizer, o leitor tem liberdade de adentrar no texto, mas está sujeito a certas regras. Poderíamos perguntar, então: se todas as possibilidades são fornecidas pelo texto e o leitor tem de ater-se a elas, onde está a liberdade do leitor? Por que a *“fantasia”* ou as *“expectativas estereotipadas”* do leitor são condenadas por Iser? Se a característica do texto literário é a indeterminação, se os vazios existem como uma concessão ao leitor, porque regular a atividade desse último?

Porque, segundo [Lima](#) (1979, p. 25), Iser está interessado no efeito que o texto causa no leitor, na ponte *“que se estabelece entre um texto possuidor de tais propriedades – o texto literário, com sua ênfase nos vazios, dotado pois de um horizonte aberto – e o leitor.”* Dessa feita, o pensamento iseriano apresenta, por vezes, semelhanças com o pensamento sartriano, ao afirmar que *“sem a introdução do leitor, uma teoria do texto literário já não é mais possível”,* pois *“os textos só adquirem sua realidade ao serem lidos”*; semelhanças com o pensamento merleau-pontyano, ao dizer que *“o leitor, porém, não pode escolher livremente esse ponto de vista, pois ele resulta da perspectiva interna do texto”*; contudo, apresenta como diferença, a concepção do leitor implícito, embutido na estrutura dos textos: *“o leitor implícito não tem existência real; pois ele materializa o conjunto das preorientações que um texto ficcional oferece, como condições de recepção, a seus leitores possíveis.”* ([Iser](#), 1996, v.1, p. 73,74).

Entretanto, lembra [Lima](#) (1979, p. 30), o leitor implícito iseriano, na verdade, seria *“aquele*

leitor capaz de resgatar o significado da obra de acordo com um horizonte de exigências e expectativas historicamente vinculado”, ou seja, “a burguesia do ocidente desenvolvido”; mas continua: “não pretendo negar [...] a importância da caracterização da literatura pela presença dos vazios.” É digno de nota que a concepção dos espaços vazios de Iser partiu do conceito dos lugares indeterminados de [Ingarden](#) (1979) que definiu os objetos reais como universalmente determinados, os objetos ideais como possuindo existência autônoma e a obra de arte como distinta de ambos por ser um objeto intencional. Dessa feita, esta última não possuiria a determinação universal dos primeiros nem a existência autônoma dos segundos, posto que é um objeto aberto e, nesse sentido, os lugares indeterminados do texto permitem a concretização da obra.

Para Ingarden, os lugares indeterminados são o valor estético e as qualidades metafísicas que o leitor preenche com as suas representações a fim de constituir o sentido da obra. Conquanto credite a Ingarden o mérito de desenvolver o conceito de concretização da obra literária, Iser aponta a falha de sua teoria dos lugares indeterminados, pois os mesmos apenas propiciam uma complementação da obra. Iser, a seu turno, tem os espaços vazios como uma comunicação, uma interação entre texto e leitor. Assim é que o não-dito no texto (*o que o autor ocultou*) estimula o leitor, mas tal se dá porque o dito (*o que o autor mostrou*) permite essa estimulação. Portanto, o leitor se movimenta no texto, interfere nele, mas sua atividade é controlada pelo texto.

[Samuel](#) (2007, p. 167) esclarece: *"Para Ingarden, o objeto estético é constituído pelo ato de ler. Adotando esse preceito, Iser desviou sua atenção do texto como objeto para o texto como potência, ou dos resultados para o ato de ler. Ao examinar a interação entre texto e leitor, Iser verificou as qualidades do texto, que o fazem legível, ou que influenciam nossa leitura, e verificou também aquelas características do processo de leitura essenciais para a compreensão do texto. Há uma atualização do texto na mente do leitor, preenchendo espaços em branco, aberturas ou indeterminações. A obra de arte não está nem no texto, nem na leitura, mas entre os dois. Acontece no ponto de convergência entre o texto e o leitor; um ponto que nunca pode ser definido completamente."*

Assim, Iser percebe a potencialidade do objeto literário e defende a integração entre texto e leitor, visto nutrir a preocupação com o efeito da experiência estética no leitor. Por esse motivo, descreve o processo da leitura como uma “*interação dinâmica entre texto e leitor*”; desta feita, o teórico considera a estrutura do texto e a estrutura do ato da leitura como dois pólos da comunicação e a mesma só acontece quando “*o texto se faz presente no leitor como correlato da consciência.*” ([Iser](#), 1999, v. 2, p. 9, 10).

Ao destacar a necessidade de “a fenomenologia da leitura esclarecer os atos de apreensão pelos quais o texto se traduz para a consciência do leitor”, [Iser](#) (1999, v.2, p. 11) considera que o texto, enquanto objeto, só pode ser apreendido em períodos sucessivos da leitura, a qual se configura como uma relação sujeito-objeto em que o sujeito (*leitor*) se movimenta pelo objeto (*texto*), sendo o sujeito transcendido pelo objeto.

Segundo [Iser](#) (1999, v.2, p. 12-13):

*"A relação entre o texto e o leitor se caracteriza pelo fato de estarmos diretamente envolvidos e, ao mesmo tempo, de sermos transcendidos por aquilo que nos envolvemos. O leitor se move constantemente no texto, presenciando-o somente em fases; dados do texto estão presentes em cada uma delas, mas ao mesmo tempo parecem ser inadequados. Pois os dados textuais são sempre mais do que o leitor é capaz de presenciar neles no momento da leitura. Em conseqüência, o objeto do texto não é idêntico a nenhum de seus modos de realização no fluxo temporal da leitura, razão pela qual sua totalidade necessita de sínteses para poder se concretizar. Graças a essas sínteses, o texto se traduz para a consciência do leitor, de modo que o dado textual começa a constituir-se como correlato da consciência mediante a sucessão das sínteses."*

A citação iseriana revela que no ato da leitura realizamos uma síntese, ou em outras palavras, vamos recompondo o texto. E, ao mesmo tempo em que nos envolvemos com o lido, o transcendemos. Isso indica que a leitura, além de se configurar como um processo dinâmico, também é uma atividade sintética que exige do leitor ir além dos dados textuais, reconfigurando-os de maneira que se forme um novo texto. Mas se o leitor cria um novo texto, é sempre a partir de outro já construído, pois ele atualiza o texto quando o transfere para sua consciência, ou seja, o texto ativa tanto a capacidade de apreensão das idéias apresentadas pelo autor, quanto das idéias criadas pelo leitor.

Entretanto, como vimos, a criação é orientada pelo texto. O leitor constrói novos sentidos, não idênticos ao texto, mas de acordo com o texto. Mesmo assim, Iser considera a leitura é um ato de comunicação, pois, segundo ele, há um diálogo entre o autor e o leitor; ao envolver-se no texto, o leitor presentifica-se nele, pois o texto apresenta possibilidades de significação que são exploradas pela subjetividade do leitor. Ora, se a idéia do sujeito-autor permeia todo o texto com seus valores e juízos, por sua vez o texto permite (*apesar de controlar*) a intromissão do sujeito-leitor, que confere ao lido seus próprios valores e juízos. Portanto, a formação da coerência é intersubjetiva: depende do que o autor disse no texto e do que o leitor infere de sentidos ao lido, e, desta feita, a leitura tem caráter transcendental. Assim, a imaginação do leitor capta o não-dado (*mas sugerido*) pelo texto no processo da leitura, que, além de ato de comunicação, é, também, um fluxo temporal.

Baseando-se na fenomenologia de Husserl, [Iser](#) (1996-1999) afirma que o texto se transfere para a consciência do leitor com a combinação das perspectivas textuais que operam pelo seu ponto de vista no movimento da leitura, retendo o passado no presente. Desta feita, como intuição temporal, a leitura articula passado, presente e futuro – as retenções e protensões de que falava Husserl. Cumpre lembrar que para Husserl (2000, apud [Müller-Granzotto](#), 2001, p. 270) “*é a partir da vivência [do] continuum em mutação que a consciência intencional constitui os objetos temporais que distinguem para si o que é atual, passado ou porvir.*”

Segundo [Müller-Granzotto](#) (2001, p. 271), Husserl elaborou um esquema da teoria do tempo, em que “*os perfis retidos ou protendidos ... não são resíduos ou projeções ‘realmente’ imanentes ao ‘agora’*”, mas a “*co-presença de algo que permanece apenas ‘em intenção’, são um modo de visar.*” Dessa feita, o campo de presença como defendido por Husserl admite sempre a presença soberana da consciência e tal entendimento foi partilhado por Iser.

Adotando o conceito husserliano da consciência interna do tempo, [Iser](#) (1999, v.2, p. 15, 16, 17) afirma que “*quando o leitor se situa no meio ... do texto, seu envolvimento se define como vértice de protensão e retenção, organizando a seqüência das frases e abrindo os horizontes interiores do texto*”; e “*o que temos lido se afunda na lembrança, corta suas perspectivas, empalidece de modo crescente e acaba dissolvendo-se num horizonte vazio*”, contudo, “*no desenrolar da leitura, despertam-se múltiplas facetas daquilo que possuímos somente na retenção*”, ou seja, “*o que lembramos é projetado num novo horizonte que ainda não existia no momento em que foi captado*”; assim, “*cada momento da leitura representa uma dialética de protensão e retenção, entre um futuro horizonte que ainda é vazio, porém passível de ser preenchido*” e “*um horizonte que foi anteriormente estabelecido e satisfeito, mas que se esvazia continuamente*” e, desse modo, “*o ponto de vista em movimento do leitor não cessa de abrir os dois horizontes do texto, para fundi-los depois*” de tal forma que “*a estrutura de horizonte da leitura se evidencia como ato elementar de criação.*”

Então, entre as protensões e as retenções, o leitor vai construindo o texto por meio do ponto de vista em movimento. Os vazios do texto literário são completados pelo leitor que confere sentido ao lido, isto é, o não-dito pelo texto se revela ao leitor na medida em que este organiza a sucessão das frases de acordo com suas lembranças e expectativas. As expectativas, ou seja, as protensões, desempenham papel fundamental no processo da leitura e há constantes modificações nos horizontes de leitura, visto que as expectativas vão se transformando à medida que o leitor se movimenta pelo texto. Dessa maneira, segundo o pensamento iseriano, o texto só se completa quando o leitor infere sentidos ao texto lido e a transferência do texto para a

consciência do leitor dá-se não apenas pelo texto, mas também pela ativação da capacidade de apreensão e de processamento da consciência do leitor.

À tese iseriana do leitor implícito que se vale das suas lembranças, expectativas, vivências e imaginação para criar um novo texto, podemos juntar, então, sua principal tese – a do efeito do texto literário sobre o leitor: *"só quando o leitor produz na leitura o sentido do texto sob condições que não lhe são familiares ... mas sim estranhas, algo se formula nele que traz à luz uma camada de sua personalidade que sua consciência desconhecia. Tal tomada de consciência, no entanto, se realiza através da interação entre texto e leitor; é por isso que sua análise ganha a primazia."* (Iser, 1996, v.1, p.98)

Justamente por acreditar, que, embora o leitor tenha sua imaginação instigada pelo texto e o efeito deste naquele dá-se em virtude da assimetria entre ambos, Iser (1996, v.1, p.80,81) discorda de certas teorias psicanalíticas do efeito literário, dentre elas, a de Norman Holland e Simon Lesser, pois, segundo ele, seus estudos se baseiam em *"conceitos de psicanálise ortodoxa"*, são conceitos *"cristalizados"*, e ambos *"substancializaram a terminologia psicanalítica e, assim, antes dificultam do que facilitam o acesso à reação dos leitores à literatura."*

Não é o caso de Iser ser contrário à teoria psicanalítica, de ignorar o inconsciente ou não apreciar o pensamento freudiano. O que ele condena é transformar a psicanálise em um sistema conceitualmente fechado em vez de atribuir aos conceitos psicanalíticos uma função exploradora.

Segundo Iser (1996, v. 1, p. 83, 85) *"o significado é para Holland um processo dinâmico em que a fantasia pulsional é transformada em figuras identificáveis da consciência"* e, *"em consequência, o significado psicanalítico figura como a origem de todos os outros"*, e *"a interpretação psicanalítica se revelaria então como diagnose"* e, como tal, *"deveria também ser uma terapia"* e acrescenta: *"mas a idéia de que os textos literários mudam, em um sentido terapêutico, o estado psíquico do leitor, que pode assim descobrir o verdadeiro significado já é algo tanto trivial"* (Iser, 1996, v.1, p. 85).

Ora, da citação acima inferimos: muito embora Iser questione os métodos analíticos de Holland, pois este último considera o processo comunicativo advindo da correspondência entre o texto e as disposições psíquicas do leitor (*o que é contrário ao pensamento iseriano acerca da assimetria entre texto e leitor, em que o não-idêntico se configura como condição para ocasionar o efeito estético*), reconhece, contudo, o potencial terapêutico dos textos ficcionais.

No tocante a Lesser, Iser (1996, v.1, p. 93, 95) discorda da hipótese do primeiro de que o conflito e a solução que constituem o ritmo da obra de arte sejam alheios ao leitor, pois, segundo ele, *"deve-se acrescentar que esse ritmo não se desenrola diante do leitor, mas sim o ocupa internamente e o obriga a trabalhar a excitação que o texto produz"* e continua: *"a solução de conflitos só é capaz de desenvolver um efeito de catarse ao envolver o leitor em sua realização"* pois *"a obra de arte dá satisfação ao receptor apenas quando ele participa da solução e não se limita a contemplar a solução já formulada"*, como Lesser pensara.

Assim, Iser, conquanto aponte a falha de Lesser em considerar o distanciamento do leitor na resolução dos conflitos da narrativa ficcional (pois para esse último, é o texto que resolve os conflitos para o leitor), não questiona, contudo, o valor catártico da literatura. Se para Holland e Lesser a literatura tem caráter compensatório e deveria proporcionar prazer ao leitor, Iser vai além, creditando à leitura o poder de exercitar a atividade criadora do leitor, pois, segundo ele: *"O autor e o leitor participam portanto de um jogo de fantasia; jogo que sequer se iniciaria se o texto pretendesse ser algo mais do que uma regra de jogo. É que a leitura só se torna um prazer no momento em que nossa produtividade entre em jogo, ou seja, quando os textos nos oferecem a possibilidade de exercer nossas capacidades."* (Iser, 1999, v.2, p. 10)

Sendo um jogo, a leitura produz prazer. Tal prazer, segundo a concepção iseriana, não é um elemento do texto, é criado pelo leitor no momento em que o mesmo converte o livro em objeto estético. Na medida em que o leitor se envolve com o texto, ele usufruirá um prazer estético,

desenvolverá uma atitude estética. Sua consciência imaginante produzirá um novo texto a partir do texto original – e, portanto, o prazer estético está vinculado ao outro (*autor*), muito embora se complete pela participação do leitor.

Isso significa que o comportamento estético de apropriação do texto pelo leitor (*modificando-o*), não se configura como uma afronta ao autor, mas uma relação consentida de interação entre os parceiros desse jogo que se chama leitura. A experiência da leitura permite, ainda, que autor e leitor usufruam do fenômeno estético, compartilhem da fantasia, brinquem com o texto. Nesse sentido, o texto ficcional, permeado de metáforas, enseja a retomada. Lembra [Caldin](#) (2010, p. 79) que “retomar é dar ao que se repete um destino que não lhe era reservado, mas que se abriu por conta da virtude das possibilidades trazidas pelo texto.”

Na retomada do texto, o leitor transforma signos em significados, envolve-se com a narrativa, deixa-se cativar pelo livro, transcende o lido. Ao assim fazer, vale-se de sua liberdade de interpretação, de realizar inferências. Quando preenche os vazios do texto literário com suas lembranças e expectativas, o leitor viaja no imaginário, cria uma nova realidade em que possa transitar com prazer e segurança, esquecendo-se, nesses momentos, da realidade cotidiana. Nesse sentido, podemos afirmar que transforma o ato de ler em terapia.

### **Conclusão**

Resumindo a posição iseriana acerca do efeito do texto literário: se tal texto produz efeito, significa que libera um acontecimento e que precisa ser assimilado; conquanto o texto se origine da reação do autor ao mundo e do processo de seleção que este utiliza para retirar do mundo certos acontecimentos e apresentá-los ao leitor, é este último quem criará o efeito estético ao valer-se da interpretação; assim, a perspectiva do autor e a experiência do leitor conferem à leitura um caráter de comunicação, de interação entre texto e leitor, de intercorporeidade, intersubjetividade, de transcendentalidade, enfim.

Existem, então, três corpos atuando em conjunto: o corpo do autor, o corpo do texto e o corpo do leitor que colaboram para que o ato da leitura produza um efeito. No artigo em questão, advogamos que o efeito seja terapêutico, uma vez que o leitor preenche os espaços vazios do texto literário com suas angústias e desejos, mas de forma indolor e benéfica, sabendo que está participando e um jogo – o jogo da ficção, cômico de que transita em uma outra realidade onde tudo é possível e acaba bem. Assim, no momento da leitura, o leitor pode ter uma experiência catártica, purificadora.

### **Referências Bibliográficas**

CALDIN, Clarice Fortkamp. *Biblioterapia: um cuidado com o ser*. São Paulo: Porto de Ideias, 2010.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 3. ed. São Paulo: M. Fontes, 1997.

HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. Porto: RÉS, [19--].

HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Ed. 70, 2000.

INGARDEN, Roman. *A obra de arte literária*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Ed. 34, 1996-1999. 2 v.

LIMA, Luiz Costa. O leitor demanda (d) a Literatura. In: JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MÜLLER-GRANZOTTO, Marcos José. *Merleau-Ponty: acerca da expressão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SAMUEL, Rogel. *Novo manual de teoria literária*. 4. ed. rev. e ampl. Petrópolis: Vozes, 2007.

**Sobre o autor / About the Author:**

Clarice Fortkamp Caldin

[claricefaldin@hotmail.com](mailto:claricefaldin@hotmail.com)

1) Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora no Curso de Biblioteconomia no Curso de Arquivologia e no Programa de Pós-Graduação do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina.